

O EXEMPLO

Anno II

Redactor e editor
Arthur Andrade
ESCRITORIO
Rua Andradas—247

Propriedade de uma associação

Porto Alegre — Domingo, 24 de Setembro de 1893

Director-gerente
Marcilio Freitas

ASSIGNATURAS

Trimestre... 1\$500

N. 41

Ao prezado amigo

Arthur Pinto Gama,

sinceras felicitações pelo seu anniversario natalicio.

24—8—93.

A REDACÇÃO

Um casorio

Passavam tristes e chuvosos os dias setembrinos de 1892, quando, arrastado pela curiosidade de tudo saber, fui attrahido por um grupo de jovens, que alegremente conversavam n'uma janella da casa da rua ***.

O domicilio estava profusamente illuminado, porque era dia de festa solemne: Jeremias desposára a sinhá Clarinda.

Acheguei-me á janella e troquei algumas palavras com a menina M., que delicadamente insistiu para que eu entrasse. Como estava secco por isso, oppuz fraquissima resistencia e... fui introduzido na sala dos convivas, que estavam sentados em redor de uma meza, disposta em fórma de ferradura. Tomei logo parte nos comestiveis e fiz meu brinde ao Jeremias e á competente consorte.

Ao meu, seguiram-se outros brindes, sendo que a oratoria durou pouco e ligeiramente foi servida a meza. Após os mastigos, veio o *gran baile*. A sala estava bem ornada: flôres em profusão: rosas, violetas, bugargaris, camelias, etc. e meninas, cada qual a mais chi c.

Os rapazes trajavam correctamente e estavam dispostos para a dansa. Afinal entrou a cousa e... começou

o baile. O Paulo e alguns outros que não dansavam permaneciam apreciando, namorando e dizendo gracinhas ás morenas.

Approximei-me delles e, em grupo, começamos a *cortar* na vida alheia.

Entráram em scena os chefes da festa: o Jeremias e a Clarinda. Paulo occupou a attenção de todos e soltou o verbo:

— Conheci o Jeremias, é um homem vulgar; enganou muitas mulheres e por fim illudiu ainda esta *desmiolada* (Clarinda) que o tomou por marido.

O que, porém, repugna é o véo negro que encobre-lhe o passado.

Vocês sabem que somos amigos e, como estamos em familia, não abafemos o brado da verdade.

— Desembucha, disse Pedro, que attentiosamente escutava a narrativa.

— Não te apresses, lá vai, e Paulo continuou:

— O Jeremias, a meu ver, não procedeu bem em casar, porque já era pae de familia...

— Mas, como se explica esse *angú de carozo*, Paulo? Então um pae de familia vae casar e constituir nova familia? que *rodella* é essa? explica a cousa, que ahi ha *gato encerrado*, dizia Pedro.

Paulo, retomando a palavra:

— Jeremias já foi casado e de seu primeiro matrimonio nada restou: a mulher era esteril e morrea logo após o enlace.

Durante o cerimonia funebre, Jeremias andou de queixo cahido e tristonho.

Por alguns mezes trajou lucto, o que era natural; mas com o correr do tempo, seus pezares se foram dissipando.

Elle já ia a algum *maxixinho*, já dansava com alguns requebros e já bebia regularmente, (não sei si era ainda por paixão pela finada) e dizia chalaças ás miudas. Com o enamorar-se de uma morena de nome Brandina, desappareceram-lhe de todo os soffrimentos; o cabra que era *da pá virada*, conquistou a morena e em breve deu logar a uma erupção movida pelo contacto de dois seres que se amam, vindo á superficie do solo o fructo de seus amores. A prole augmentou e elle veio a ser pae de cinco filhos, com Brandina.

Jeremias, depois de saciado de sua sede de amor para com Brandina, foi pouco a pouco afastando-se-lhe e entregando-se ás orgias, onde passava grande parte da noite.

Já velho e gasto pela frequencia dos bordeis, sentia Jeremias faltarlhe o contacto de uma carne nova, cheia de vida, capaz de agitar-lhe o systema nervoso, lasso e quasi indifferente á percepção externa.

Firme nessa resolução desastrada, o effeminado velhote decidiu-se a entregar a pobre Brandina ao abandono, esquecendo que ella fôra, por tanto tempo, sua companheira fiel e que muitas vezes velára á sua cabeceira, presa de receios de sua saude periclitante.

Despresava esse desinteressé, essa affeição pura e sincera que ella ainda lhe tributava; não perguntava pelos

filhos e, quando algum o procurava, recebia rabujento.

Brandina curtia amargamente sua desdita e, a custo, supportava a ingratição do desvergonhado Jeremias, que se foi tornando mais e mais insolente, até que *quebrou os pratos*.

Brandina tudo fez para obstar-lhe o casamento e chegou mesmo a travar relações com Clarinda, que, em um rasgo de generosidade nobre e altiva, compromettêra-se a desistir do enlace.

Jeremias, ao visitar a noiva, soube da cousa, soltou suas funebres e melifluas jeremiadas e conseguiu que Clarinda dêsse o dito par — não dito e voltasse-lhe firme, como uma rocha

Em vista das continuas entrevistas amorosas de Jeremias e Clarinda, deu Brandina aquelle por despedido de sua companhia e á porta da noiva arremessou *uns tróços* entrouxados, que eram de Jeremias.

Não trocou mais palavras com os futuros noivos e limitou-se a observar a marcha de sua felicidade. Casaram e viveram perfeitamente bem, por algum tempo, Jeremias e Clarinda; mas o cesteiro que faz um cesto, tambem faz delles um cento. Assim é que cedo Jeremias massou-se com sua mulher; dava-lhe *pau em penca* e saia para a vidinha dos lapanares.

Um dia Brandina encontrou Clarinda, triste e maltrapilha e compri-mentou-a assim :

« Estimarei, Clarinda, que continue a gosar de sua vida cheia de prazeres e que seu marido seja-lhe mais affectuoso. »

Clarinda nada disse; retirou-se cabisbaixa, arrependeu-se e por fim... definhou e morreu.

F. A.

A respeitavel matrona D. Maria das Dôres Pereira de Souza, teve a felicidade de ver passar, a 18 do corrente, mais um anno de vida por entre as alegrias da familia, a quem felicitamos por tão auspiciosa data.

Consta-nos que o gracioso club das *Sensitivas* vai ser alvo da gentileza de um grupo de moços que pretendem offertar-lhe um primoroso estandarte.

ROSA DESFOLHADA

A rosa que offertei-te ha dias quando Dansavamos, contentes, doudamente, E que tu (quero crer) in onsciente Foste-a pouco a pouco desfolhando...

Tinha o odor das essencias do Japão, Tinha a côr do carmin de tua face, E, por isso, foi justo que eu chorasse Ao vel-a desfolhada pelo chão.

Arrancaste uma pétala primeiro; Arrancaste mais outra, até que emfim Tinhas a obra consummado inteiro.

Assim tambem, despedaçaste os élos Que te ligavam, fortemente, a mim Como o fizeste á flor de meus desvêlos

A. JUNIOR.

S. Paul, 93.

Felicitamos ao amigo Honorio Porto, por ter seu extremado filhinho, no dia 17, completado mais um anno de vida.

Mocidade de Cyro

(TRADUCCÃO)

Astyages, rei dos Medas, que succedêra a seu pae Cyaxare I, destruidor de Niniue, casara sua filha Mandana com o rei dos Persas, seu visinho e amigo.

Naquella epocha, o reino dos Persas não era, como o foi mais tarde, um vasto e poderoso imperio; ao contrario, limitava-se a um pequeno paiz, que se poderia ter em pouca conta se o não habitasse um povo robusto e corajoso.

Era costume entre os Persas educar-se todos os meninos sem excepção dos principes, nas escolas publicas, onde aprendiam a manejar as armas e servir-se d'ellas com certeza; mas o que se lhes ensinava de preferencia era a docilidade, a paciencia e mais que tudo, a sobriedade, de que os mestres faziam objecto principal de suas lições; porque esta ultima qualidade conduz a todas as outras virtudes. Assim, para habitual-os a esse regimen de bom grado, dava-se-lhes, por unico alimento, pão, agna e mastruço, pequena herva que cresce expontaneamente perto das fontes e cujo gosto amargo nada tem de agradável.

Ora, succedeu que a princeza Mandana, tornada espoza do rei dos Per-

sas, deu á luz um menino, que recebeu o nome de Cyro.

A creança revelou desde os mais verdes annos tão felizes disposições, que Mandana, como boa mãe, não deixou de cultivar-as, fazendo-o educar na escola publica, com os outros persas.

Cyro acabava de completar doze annos, quando Mandana conduzio-o á casa de seu avô Astyages, que o acolheu com ternura, achando-o amavel e bem educado, como realmente o era. O joven principe ficou muito admirado de ver o avô com o rosto pintado de varias modas, os supercilios levantados, os olhos coloridos e a cabeça carregada de cabellos que lhe não pertenciam; de mais o ancião estava vestido com uma comprida tunica de purpura, e sobrecarregado de collares e braceletes, segundo o uso meda.

Tão ridicula vestimenta, que nunca tinha visto em seu paiz, causou a Cyro grande admiração; mas elle era bastante discreto e respeitoso para não demonstral-a diante seu avô, a quem não desejava molestar. Assim, as suas gentilezas e ditos divertiam de tal modo o velho rei, que o seu maior desejo foi conservar junto de si o gentil mancebo, offerecendo-lhe todos os dias novos espectaculos e divertimentos novos.

Um dia, em um festim sumptuoso que Astyages offerecia a seu neto, Cyro olhava com desprezo as delicadas ignarias que cobriam a mesa. O rei perguntou-lhe bondosamente se não tinha appetite.

— Senhor! respondeu Cyro; não estou habituado a tão finos manjares; em meu paiz, quando temos fome, dão-nos pão e mastruço.

Artyages rio-se da extrema frugalidade do rapaz e, para ver até onde chegava a sua razão, permittio-lhe distribuir aos officiaes presentes todos os pratos que figuravam no banquete. Cyro não esperou nova ordem; e sem o minimo constrangimento, repartio entre elles as mais exquisitas fiandas, tão saborosas que teriam tentado a qualquer outro menino da sua idade. Sacás, um dos officiaes, foi o unico que não teve parte nas liberalidades do pequeno principe.

Ora, este Sacas era o copeiro do rei, isto é, tinha por funções dar-lhe de beber, o que desempenhava com

rara destreza. Astyages, fazendo sentir a Cyro a sua falta de cortezia com este official, accrescentou que ninguem era mais habil do que Sacas em encher-lhe a taça e que, tendo desde muito tempo apreciado a utilidade de seus serviços, consagra-va-lhe uma estima toda particular.

— Se não é preciso mais do que isso, meu pápá, respondeu Cyro, para obter as vossas boas graças, em breve as terei gauho; porque encarrego-me de servir-vos tão dignamente como esse servidor que tanto prezas.

Dizendo isso, o pequeno Cyro arvorou-se em copeiro e eil-o que caminha gravemente, com o guardanapo ao hombro, trazendo delicadamente entre tres dedos a taça real, que apresentou a Astyages com tal graça, que a todos maravilhou. Cyro, saltando de alegria, exclamava:

— Pobre Sacas! vou ser copeiro em teu lugar!

— Meu filho, disse-lhe o rei, abraçando-o; és um copeiro habil; mas esqueceste uma cerimonia importante, que consiste em provar o vinho antes de servir-o.

— Não foi totalmente por esquecimento, respondeu Cyro; mas temi que este licor estivesse envenenado.

— Envenenado! Como? exclamou o rei.

— Sim, pápá; porque não ha muito tempo, n'um jantar que daveis aos senhores de vossa côrte, vi claramente que, de terem bebido deste liquido, a cabeça andava á roda a todos os convivas. Um gritava, outro cantava, todos fallavam a torto e a direito; os vossos assistentes pareciam ter esquecido que ereis seu rei e vós mesmo, que elles eram vossos subditos; enfim, quizestes dansar e vossas pernas recusaram suster-vos.

— Como! retorquiu Astyages; nunca viste teu pae em similhante estado?

— Nunca! respondeu o menino.

— Porque, então!

— E' que, quando elle bebe, deixa de ter sêde.

Astyages ficou encantado da sabedoria de seu neto, que dava assim a seus cortezãos e a elle mesmo uma lição de temperança, de que fallaram por muito tempo, mas que trataram de esquecer á primeira vez que se acharam á mesa com o famoso vinho d'Assyria.

O pequeno Cyro ficou ainda algum tempo na côrte de seu avô para aperfeiçoar-se na arte de equitação, descobrindo-se entre os Persas, porque o seu paiz, arido e coberto de altas montanhas, não lhes permittia criar e nutrir cavallos, como os pastos da Media.

S. de B.

PRADO BOA-VISTA

Por obsequio de um nosso amigo, habilitado por seus conhecimentos hypicos, principiamos hoje a publicar palpites sobre os diversos pareos do programma de corridas.

Para hoje eis os palpites:

Em 1º lugar

Em 2º lugar

Bugra
Pelagio
Bruxa
Rio-Grandense
Noto
Bismarck
Bruxa
Comblain
Caligula
Alepe
Graziella
Monte-Negro

Gazella
Revolta
Mylord
Alcatroz
Esperança
Fedora
Vendaval
Gato
Bayard
Manilha
Brilhantina
Flôr do Sul

O bemquisto cidadão Horacio Emilio de Sampaio festeja hoje mais um anno de laboriosa, porém, honrada existencia.

Parabens.

Pauladas

Após alguns mezes de medonha vadiação, surgiu por estas columnas o tal Sr. *Birboque*, dizendo ter sido por minha causa essa ausencia.

E' uma desculpa que não surte o desejado offeito; porquanto em tempo já expliquei aos leitores a razão porque elle deixara de escrever.

De conluio com uma velha alcoviteira, que melhor faria se cuidasse em tomar o seu tabaco, procura intrigar-me com as jovens fabriquistas, dando-me a paternidade de todas as accusações á ellas feitas.

Quem ignorará que foi elle quem serviu-se da minha secção e de minha assignatura para ca-

lumniar essas jovens, como já tive occasião de provar?

Essa intriga por si está destruida; pois, na occasião em que as fabriqueiras vieram ao nosso escriptorio, certificaram-se de que o Sr. *Birboque* tem sido o autor de todas as mentiras assacadas á reputação d'ellas.

Como o pai, o filho na sua estrêa tambem já me vem intrigando com as mulheres, dizendo que as linguas d'ellas são feitas das pennas das azas do diabo e que eu me metti com ellas, por isso agora eston de crista caída...

Veja lá menino, seu pai como já não é muito criança e não é bonito, eu nunca me atirei contra elle, porque temia-o; porém, você é um criança e, no dia em que eu me incomodar, posso reduzir-lhe á expressão mais simples.

Aquella moção de que nos falla em o numero passado o Sr. *Birboquinho*, é completamente falsa.

Segunda-feira, depois de ter lido essa moção, fiquei verdadeiramente incomodado e logo presentí que o tal *Birboquinho* tinha herdado todos os vicios de seu pai e que, portanto, aquella moção era forjada por elle.

E não me enganava, porque, ao meio-dia dirigindo-me á fabrica afim de cohecer a verdade, ali, fui recebido por entre estrepitosas aclamações das fabriqueiras que gritavam:

Viva o Juvenal! nosso defensor!

Eu que ia no proposito de passar-lhes uma grande *descomponenda*, á vista d'i-so, fiquei sem saber o que havia de dizer; porém, reanimando-me, dirigi-lhes a palavra, interrogando-as sobre a veracidade d'aquella moção.

A resposta não se fez esperar:

A joven Faustina, de um dos degrãos das escadas, interpretando suas companheiras, disse:

« Sinhô Jovená, en nomi das
« minha cumpanhera, venho de
« cima do arto deste lugá ileva-
« do declará qui é farsa a mu-
« ção publicada no Enxenpro

« di dumingu passadu pelo si-
« nhô *Biribaboque*.

« Nós não demo ordi a esse
« homi véio i feio di pnbricá si
« miante coisá proquanto amun-
« to ten po nós não cuverça-
« mo cum esse cidadão.

« Nós não queremos qui elle
« seja nosso homi, nem nosso
« mandão, nós só temo um xe-
« fre qui é ossuncê siô Jovená.

« Nós não prisamo que o *Bi-
« ribaboque* nus dê briu proque
« elle não saba bria p'ra elle
« quanto mais p'ra nós, é uma
« mintira essa historia de opipa

« armoço, proquanto nós as
« veiz boiamo uma boia escom-
« bra, sinalé qui somo pobri i
« porisso não avemo de ofrecê

« nem armoço nem jantá a esse
« canaia qui nós nem demo
« os pé quanto mais as mões.

« E' mió qui vá prantá mio
« como disse o cadete Sal, na
« *Cossa delle*.

« Sinhô Jovená, fiqui sabendo
« que o singô cãbronça, mole
« que *cuéra*, vivo e cotnba é
« porisso nós não arritremo o

« titu qui lhe demo dinosso xe-
« fre e defensô. E p'ra prová
« isso vamo lhe ofrecê um jantá
« tá de pi. ú di guampa, gallinha
« de escama e leitão de barri-

« ca, no palácio do centro do
« meio paukimakokum Brasi-
« Patagoniano ou entonces na
« xacra da véia Pracida.

« Cumpanheras viva o cabra
« Jovená! munto caradurolo-
« pico defensô de nossa crase!»

Agora os leitores admirem
este monumental discurso e
vejam quem falla á verdade, se
eu ou Sr. Birboque.

JUVENAL.

A memoravel data rio-grandense
20 de Setembro foi de festas para o
estimado joyen Alberto Servulo Soa-
res; pois completou suas sorridentes
e futuras 20 primaveras. Nossos
parabens ao amigo.

Contrataram casar-se os dis-
tinctos jovens :

Claudio José Paulino e D. Ma-
ria Eulalia; Henrique Esteves de
Oliveira e D. Lydia Flores de
Oliveira.

Quebra-côco

Nossos collaboradores Veruti-
dio Siqueira e Alfredo Canhido
de Souza constituíram-se em
um club charadístico, sob a de-
nominação de *Club Maracotões*,
com o fim de cultivarem produc-
ções desse genero e de decifram
o mais inextricavel *Caroço* que
publicarmos. Assim é que de-
ram o *panno de amostra*, matan-
do o enigma, publicado em nos-
so ultimo numero; enigma que
fez os *moralistas* fecharem os
olhos e abrirem os ouvidos e
alguns logogrifistas andar ás
tontas, dando decifrações erra-
das, como algibe, etc, quando
a cousa é **Tinteiro**.

Estranhámos e lamentámos
sinceramente a ausencia do va-
lente charadista Miguel Cardozo
do *Club Maracotões*; porquanto
não atinámos com a causa que de-
terminou a seus companheiros de
Trindade desprezarem sua ha-
bil sagacidade já mais de uma
vez solemnemente comprovada,
para estes torneios de memoria
Porque será?

Como os leitores já leram, a
decifração do enigma é **Tin-
teiro**.

Para hoje temos:
Na musica da musica, bebe-
se e come-se—1—1—1

Logogrifho

Ahi vae o panno de amostra
Do *Club Maracotão*.
Alerta Logogrifhistas,
Eis chegada a occasião...

Mas antes, a todos vós
Este sincero conselho:
Quem não fôr decifrador
Não espedice o bedelho.

He damos um bom tecido—10-1-2-3-6-4
inda mais, constellação.—4-6-8-7-9-5
Neste barco conhecido—8-5-9-5-1-10-1
He damos fino tecido—1-2-3-7-5-6-4-8-1
E neste jogo, sentido!—1-3-7-5-8-1
Indico moeda então—8-4-6-1-5
Separa a côr do tecido—3-6-4-5-7
Ou medida de ração.—2-1-6-4-10-9-10

O conceito, de tão duro,
Vai fazer desanimar!
Este panninho dá mangas
A quem quizer decifrar.

MARACOTÃO & CIA.

Já tinhamos encerrado esta
secção, quando nos veio ao co-
nhecimento que os Srs. Augusto
Cezar de Oliveira, Miguel Car-
dozo e Carlos Augusto Gonçal-
ves acertaram com a decifra-
ção do **Tinteiro**.

NA CARTEIRA DE UM GENRO

Por mais sabido que seja
Satanaz, que a todos logra,
Não tem astucia bastante
Para enganar minha sogra!
E se acaso elle surgisse
Com sua audacia de pulha,
Minha sogra o enfiaria
Pelo fundo de uma agulha.

Annuncios

CLUB DEMOCRATA

De ordem do Sr. presidente, faço
publico que devido a ter adoecido o
cidadão Marcilio Freitas, director do
baile de installação a realizar-se no
proximo mez, foi confiada a direcção
do mesmo aos cidadãos Fernando
dos Santos e Octilino dos Santos Gui-
marães.

Porto Alegre, 23 de Setembro de
1893.

O secretario, *Joaquim Octavio de
Almeida Sobrinho*.

Saudação

Completa hoje mais um anno de
proveitosa existencia o distincto cida-
dão Horacio Emilio de Sampaio. Na
qualidade de socio bemfeitor da so-
ciedade de dansa *Flor do Centro*, es-
ta envia-lhe sinceros parabens ás
suas 33 primaveras.

Porto Alegre, 24 de Setembro de
1893.—Secretaria, *Izolina dos San-
tos*.

ARMAZEM DE MOVEIS

170 RUA DE BRAGANÇA 170

Nesta casa compram-se todas
as qualidades de trastes uzados.
Paga-se bem.

170 Rua de Bragança 170

Casamento civil

F. Calisto encarrega-se de prepa-
rar todos os papeis para o casamento
civil. Residencia—rua dos Andradas
n. 247.

« di dumingu passadu pelo si-
« nhô Biribaboque.

« Nós não demo ordi a esse
« homi véio i feio di pnbricá si
« miante coisaproquanto amun-
« to ten po nós não cuverça-
« mo eum esse cidadão.

« Nós não queremos qui elle
« seja nosso homi, nem nosso
« mandao, nós só temo um xe-
« fre qui é ossuncê siô Jovená.

« Nós não prisamo que o Bi-
« ribaboque nus dê briu proque
« elle não sabe bria p'ra elle
« quanto mais p'ra nós, é uma
« mintira essa historia de opipa
« armoço, proquanto nós as
« veiz boiamo uma boia escom-
« bra, sinalé qui somo pobri i
« porisso não avemo de ofrecê
« nem armoço nem juntá a esse
« canaia qui nós nem demo
« os pé quanto mais as mões.

« E' mió qui vá prantá mio
« como disse o cadete Sal, na
« *Cousa delle*.

« Sinhô Jovená, fiqui sabendo
« que o singô cãbronça, mole
« que *cuéra*, vivo e cotnba e
« porisso nós não arritiremo o
« titu qui lhe demo dinosso xe-
« fre e defensó. E p'ra prová
« isso vamo lhe ofrecê um jan-
« tá de pi.ú di guampa, galinha
« de escama e leitão de barri-
« ca, no palaco do centro do
« meio paukimakokum Brasi-
« Patagoniano ou ontences na
« xacra da véia Pracida.

« Cumpañheras viva o cabra
« Jovená! munto caradurolo-
« pico defensó de nossa crase!»

Agora os leitores admirem
este monumental discurso e
vejam quem falla á verdade, se
eu ou Sr. Birboque.

JUVENAL.

A memoravel data rio-grandense
20 de Setembro foi de festas para o
estimado joyen Alberto Servulo Soa-
res; pois completou suas sorridentes
e futuras 20 primaveras. Nossos
parabens ao amigo.

Contrataram casar-se os dis-
tinctos joyens :

Claudio José Paulino e D. Ma-
ria Eulalia; Henrique Esteves de
Oliveira e D. Lydia Flores de
Oliveira.

Quebra-côco

Nossos collaboradores Veruti-
dio Siqueira e Alfredo Candido
de Souza constituiram-se em
um club charadistico, sob a de-
nominação de *Club Maracotões*,
com o fim de cultivarem produc-
ções desse genero e de deciframos
o mais inextricavel *Caroco* que
publicarmos. Assim é que de-
ram o *panno de amostra*, matan-
do o enigma, publicado em nos-
so ultimo numero; enigma que
fez os *moralistas* fecharem os
olhos e abrirem os ouvidos e
alguns logogriphistas andar ás
tentas, dando decifrações erra-
das, como algibe, etc, quando
a causa é **Tinteiro**.

Estranhámos e lamentámos
sinceramente a ausencia do va-
lente charadista Miguel Cardozo
do *Club Maracotões*; porquanto
não atinámos com a causa que de-
terminou a seus companheiros de
Trindade desprezarem sua ha-
bil sagacidade já mais de uma
vez solemnemente comprovada,
para estes torneios de memoria.

Porque será?
Como os leitores já leram, a
decifração do enigma é **Tin-
teiro**.

Para hoje temos:
Na musica da musica, bebe-
se e come-se—1—1—1

Logogripho

Ahi vae o panno de amostra
Do *Club Maracotão*.
Alerta Logogriphistas,
Eis chegada a occasião...

Mas antes, a todos vós
Este sincero conselho:
Quem não fôr decifrador
Não esperdice o bedelho.

« He damos um bom tecido-10-1-2-3-6-4
« enda mais, constellação.-4-6-8-7-9-5
« Neste barco conhecido-8-5-9-5-1-10-1
« He damos fino tecido-1-2-3-7-5-6-4-8-1
« E neste jogo, sentido!-1-3-7-5-8-1
« Indico moeda então-8-4-6-1-5
« Prepara a côr do tecido-3-6-4-5-7
« Ou medida de ração.-2-1-6-4-10-9-10

O conceito, de tão duro,
Vai fazer desanimar!
Este panninho dá mangas
A quem quizer decifrar.

MARACOTÃO & CIA.

Já tihamos encerrado esta
secção, quando nos veio ao co-
nhecimento que os Srs. Augusto
Cezar de Oliveira, Miguel Car-
dozo e Carlos Augusto Gonçal-
ves acertaram com a decifra-
ção do **Tinteiro**.

NA CARTEIRA DE UM GENRO

Por mais sabido que seja
Satanaz, que a todos logra,
Não tem astucia bastante
Para enganar minha sogra!
E se acaso elle surgisse
Com sua andacia de pulha,
Minha sogra o enfiaria
Pelo fundo de uma agulha.

Annuncios

CLUB DEMOCRATA

De ordem do Sr. presidente, faço
publico que devido a ter adoecido o
cidadão Marcilio Freitas, director do
baile de installação a realizar-se no
proximo mez, foi confiada a direcção
do mesmo aos cidadãos Fernando
dos Santos e Octilino dos Santos Gui-
marães.

Porto Alegre, 23 de Setembro de
1893.

O secretario, *Joaquim Octavio de
Almeida Sobrinho*.

Saudação

Completa hoje mais um anno de
proveitosa existencia o distincto cida-
dão Horacio Emilio de Sampaio. Na
qualidade de socio bemfeitor da so-
ciedade de dansa *Flor do Centro*, es-
ta envia-lhe sinceros parabens ás
suas 33 primaveras.

Porto Alegre, 24 de Setembro de
1893.—Secretaria, *Izolina dos San-
tos*.

ARMAZEM DE MOVEIS 170 RUA DE BRAGANÇA 170

Nesta casa compram-se todas
as qualidades de trastes uzados.
Paga-se bem.

170 Rua de Bragança 170

Casamento civil

F. Calisto encarrega-se de prepa-
rar todos os papeis para o casamento
civil. Residencia—rua dos Andradas
n. 247.